

guerreiros sagrados

jonathan phillips

Tradução de Cátia Trincheiras



PARA OS MEUS PAIS



ÍNDICE

Agradecimentos	11
Introdução.....	13
1 «Deus vult!»: A Primeira Cruzada e a Captura de Jerusalém, 1095–1099	21
2 «Que a maldição de Deus caia sobre eles!»: Relações entre Muçulmanos e Francos no Levante, 1099–1187	48
3 «Uma mulher de sabedoria e discrição incomuns»: a rainha Melisende de Jerusalém	71
4 A «geração abençoada»: São Bernardo de Claraval e a Segunda Cruzada, 1145–49	97
5 Saladino, o Rei Leproso e a Queda de Jerusalém em 1187	126
6 «Em mais nenhum lugar do mundo seria possível encontrar dois príncipes como estes»: Ricardo <i>Coração de Leão</i> , Saladino e a Terceira Cruzada	159
7 «Um exemplo de aflição e os tormentos do inferno»: A Quarta Cruzada e o Saque de Constantinopla, 1204	190
8 Das «pequenas raposas entre as trepadeiras» e a Cruzada das Crianças até à Maior Assembleia da Igreja da Época	221
9 «Stupor mundi» — A Maravilha do Mundo: Frederico II, a Quinta Cruzada e a Recuperação de Jerusalém	243

10 «Para matar a serpente, primeiro é necessário esmagar a cabeça»: A Cruzada de Luís IX e a Ascensão do Sultão Baibars	268
11 Desde o Julgamento dos Templários a Fernando e Isabel, Colombo e a Conquista do Novo Mundo	301
12 Cruzados Novos? Desde <i>Sir</i> Walter Scott a Osama Bin Laden e George W. Bush	337
Conclusão: Na Sombra das Cruzadas	375
Notas Finais	383
Bibliografia Primária	411
Bibliografia Secundária	417

AGRADECIMENTOS



DURANTE O PROCESSO DE ESCRITA DESTE LIVRO, UM enorme número de pessoas ofereceu conselhos e apoio indispensáveis, possibilitando ainda oportunidades para visitar, discutir e aprender sobre pessoas e locais aqui mencionados. Gostaria de agradecer a: William Purkis, Francis Robinson, Jonathan Harris, Matthew Bennett, Natasha Hodgson, Peter Jackson, Osman Latiff, Justin Champion, Paul Sturtevant, Andrew Taylor, Andy Hershey, Dimitri Collingridge, David Jeffcock e Will Lane. O entusiasmo bem-intencionado e os dotes culinários dos alunos de Estudos das Cruzadas da Universidade de Londres MA também foram vitais. Estou muito grato à Catherine Clarke pela sua orientação positiva e perspicaz e a toda a equipa da Felicity Bryan pelo seu trabalho árduo; o meu obrigado à Fletcher and Co., em Nova Iorque. O Will Sulkin demonstrou imensa fé neste projeto e facultou informações conceituais cruciais e conselhos editoriais; o David Milner tem sido um editor observador e de excelência, e as ajudas do Tim Bartlett e da Kay Peddle têm sido muito prezadas. Mais uma vez, um obrigado ao Emmett Sullivan pela sua perícia fotográfica. A bondade emocional e prática de muitos outros tem sido essencial e estou abundantemente grato ao Alex e à Ruth Windscheffel, à Eileen Moore, à Kate e ao Andrew Golding, à Amanda e ao Lenny Goodrich, à Lisa Drage, à Sharon-Lee Broomfield, à família Chappell, ao Roger e à Leila Moore e particularmente à Anne Meyer e a *Sir* Idris Pearce e à Sophie e

ao John Wallace. A minha maior dívida de gratidão é para com os meus pais, por me terem apoiado com alma e coração durante toda a minha vida; um obrigado ao meu pai pelo seu interesse e pesquisas numa altura tão difícil para ele; aos meus filhos, que me enchem de orgulho: ao Tom pelas suas observações sempre perspicazes e sentido de humor e ao Marcus pelo seu entusiasmo puro. Finalmente, à minha maravilhosa esposa, Niki, pela sua paciência, crença e amor, sem os quais eu não estaria aqui.

INTRODUÇÃO



O Cristianismo contra o Islão; a cruzada contra a jihad. Sangue e pó; definhar, calor radiante; a arena e o raspar de metal contra metal: algumas das imagens, sons e sensações que imaginamos em representação das cruzadas, um conflito épico entre duas das maiores religiões do mundo e um confronto em que homens e mulheres lutaram e morreram em nome da sua fé. No entanto, este relato familiar não conta a história toda. Este livro, direcionado exclusivamente ao leitor comum ou àqueles que procuram uma visão geral sobre o tema, vai, como seria de se esperar, explorar este conflito de ideias, crenças e culturas. Mas também vai mostrar a miríade de contradições e a diversidade da guerra santa: amizades e alianças entre cristãos e muçulmanos; triunfos da diplomacia para substituir a espada; o lançamento de cruzadas contra cristãos e apelos por jihads contra muçulmanos. Vista como um todo, esta relação rica e multifacetada consegue proporcionar uma descrição mais evocativa e perspicaz do que aquela presente em relatos tradicionais da carnificina entre cristãos e muçulmanos.

Grandes secções deste livro são direcionadas pelas personagens. O fascínio irresistível de um dos grandes confrontos da História, entre Ricardo, *Coração de Leão*, e Saladino, despoletou o meu interesse na matéria enquanto aluno e impulsionou a minha dedicação para compreender as motivações e ideologias dos protagonistas, e suspeito de que tenha afetado muitos leitores de forma semelhante. Indícios provenientes de escrituras contemporâneas, tais como crónicas, músicas, sermões, diários de viagens, cartas, contas financeiras e tratados de paz, assim como provas materiais presentes em arte, arquitetura e arqueologia, conferem uma abundância de vozes e imagens que nos permitem reconstruir a idade das cruzadas. Ainda que exista uma linha de narrativa, isto não é uma história cronológica e detalhada sobre o tema — essa é competência do livro académico.

Escolhi dar vida a uma variedade de indivíduos e eventos que não são conhecidos do público. Continua a ser essencial descrever a inesperada vitória

da Primeira Cruzada; o conflito titânico entre Ricardo, *Coração de Leão*, e Saladino; a ingenuidade impressionante da Cruzada das Crianças e a supressão brutal e engenhosa dos Cavaleiros Templários, mas existem vivências de outros indivíduos que também têm a capacidade de iluminar a era das cruzadas. Por exemplo, pouco depois da Primeira Cruzada, um devoto impetuoso da jihad, al-Sulami, exortou os cidadãos de Damasco a apoiarem a guerra santa, mas a sua mensagem estava muitas décadas à frente das opiniões convencionais e as suas primeiras audiências contavam com apenas algumas pessoas. A rainha Melisende, de Jerusalém, era uma política intimidante e astuta que dominava o reino de Jerusalém em meados do século XII — ainda assim, a ideia de uma mulher a governar a região mais devastada pela guerra da Cristandade parece inerentemente contraintuitiva. Frederico II da Alemanha era um sacro imperador romano, fluente em árabe, que retomou a posse de Jerusalém em 1229 sem desferir qualquer golpe, mas, ao mesmo tempo, tinha sido excomungado e banido pelo papa. Durante o final do século XIV, Henrique Bolingbroke (muitos anos antes de se tornar no paranoico e brutal rei Henrique IV de Inglaterra) agiu como peregrino e guerreiro consagrado no Norte da Europa e na Terra Santa com o intuito de criar uma reputação cavalheiresca a seu respeito.

Há muito que as motivações dos cruzados intrigam os historiadores e, evidentemente, a fé está no coração da guerra santa. De um ponto de vista moderno e ocidental, o fervor religioso extremo é muitas vezes sinónimo de fanatismo das minorias, mas na Europa da Idade Média central, as cruzadas eram vistas como algo virtuoso e positivo. Era uma sociedade saturada com crenças religiosas em que a fé servia para guiar e definir os limites de quase todos os aspetos do comportamento e onde o reconhecimento da vontade divina e o medo da vida após a morte eram universais. A luta contra os inimigos de Deus proporcionou às pessoas uma forma de evitar os tormentos do Inferno e esta é uma razão que justifica a importância das cruzadas como uma característica fundamental da vida medieval. Desde os imperadores, reis e rainhas, bispos, duques e cavaleiros aos camponeses e prostitutas, todos participavam nas cruzadas; estas eram, pelo menos durante os séculos XII e XIII, uma atividade convencional aceite e defendida por toda uma cultura, e não, como mais tarde foi o caso, uma forma de preservar a elite aristocrática.

Mas a religião não foi a única força potenciadora das cruzadas. Parte do fascínio com a era das cruzadas, e um dos temas deste livro, é conseguir ver como outras ideias, tais como a promessa de terra e dinheiro, o sentido de honra e a tradição familiar, o desejo de aventura e a obrigação de

cumprimento de funções, andavam a par com — e às vezes até suprimiam — a religião. Sendo que não é possível descrever com exatidão as motivações de qualquer indivíduo quando a diferença temporal é assim tão grande, é necessário analisar as provas e aferir tendências e probabilidades. As ações de um grande número de cruzados foram influenciadas por várias razões sobrepostas e comportamentos que para nós podem parecer contraditórios, mas nem sempre foram vistos dessa forma. Portanto, quando os cruzados da potência mercantil de Génova derrotaram os muçulmanos e, ao mesmo tempo, asseguraram o lucro da sua cidade, eles interpretaram o seu sucesso como um sinal de aprovação divina. Ou seja, perante estas circunstâncias eles conseguiam assimilar confortavelmente uma relação próxima entre dinheiro e a guerra santa. Da mesma forma, a relação entre o cavalheirismo e as cruzadas era complexa. Em meados do século XIII, o código dos cavaleiros passou a ser uma base essencial da vida nobre e a busca por fama e feitos heroicos era — quando conduzida em nome de Deus — o auge da conquista do cavalheirismo e não, como nos seria fácil assumir, uma forma de alimentar o próprio ego. Em alguns casos, as motivações económicas e excessos militares conseguiam dominar ou distrair a execução da cruzada e isso, ocasionalmente, gerava juízos intensos. A questão da motivação cintila e move-se através do tempo e do espaço; tentar encontrá-la faz parte do desafio e entusiasmo desta matéria.

Tentei oferecer uma visão igualmente abrangente das motivações do mundo islâmico. As restrições linguísticas dificultam este processo até um certo ponto, mas existe um número cada vez maior de materiais traduzidos que originalmente se encontravam em árabe e escolhi fontes e personagens especialmente ricas para realçar a perspetiva muçulmana. Temas semelhantes que retratam alterações de motivação ao longo do tempo, ou que identificam uma interligação complexa de motivações — mais obviamente observadas no caso de Saladino —, vão ser explorados.

O alcance cronológico e geográfico deste livro reflete um consenso académico moderno sobre a duração e a extensão das cruzadas.¹ Nas décadas que se seguiram à conquista de Jerusalém em 1099, as cruzadas passaram a incluir expedições rumo à Ibéria, ao Báltico, ao Norte de África, assim como campanhas contra inimigos da Igreja dentro da Europa, como os cátaros do Sul de França e oponentes políticos do papado, incluindo o imperador Frederico II da Alemanha. Esta flexibilidade conceitual ajudou a tornar as cruzadas mais apelativas tanto geográfica como intelectualmente; também fez com que a ideia se mantivesse «viva» e relevante durante séculos após o final do domínio cristão sobre a Terra Santa, em 1291. Claro que, a dado momento, o número

de cruzadas começou a diminuir e, durante o século XVII, estas eram amplamente vistas como um conceito distante e bárbaro de valor insignificante. Esta visão voltou a mudar durante o século XIX em resposta à emergência de impérios europeus de outros continentes, em particular do Mediterrâneo Oriental. Portanto, em contraste com a redução e a rejeição das cruzadas durante o Iluminismo, a ambição insaciável do imperialismo e do colonialismo, juntamente com o fenómeno cultural do Romantismo e do Orientalismo, uniu-se e a sua combinação levou ao renascimento impressionante das ideias descendentes das cruzadas. O nível de precisão desta derivação deve ser alvo de mais ponderação. A dinâmica e a diversidade das «cruzadas» foram transportadas até à Primeira Guerra Mundial, especialmente no que diz respeito ao envolvimento britânico na Palestina; e mais tarde, de uma forma mais sinistra, até à aliança entre o general Franco e a Igreja Católica durante e após a guerra civil em Espanha. Como historiador dedicado ao século XII, encontrar legados centenários de cruzadas tem sido uma experiência emocionante e agradável e a minha dívida para com docentes de períodos históricos posteriores, como Housley, Christiansen, Knobler, Siberry, Riley-Smith e Bar-Yosef é considerável. A minha síntese também tentou englobar conteúdos que vão para lá desses estudos — daí, por exemplo, as discussões da Itália do século XIX e do general Franco.

A simples flexibilidade das imagens das cruzadas na língua e na cultura do Ocidente é incrível. Por exemplo, numa extremidade do espectro temos os heróis de banda desenhada Batman e Robin, «os cruzados implacáveis da lei e da ordem»; ou a lendária personagem da televisão Dr. Who, descrito por um dos seus atores como «um cruzado intergaláctico».² «Cruzadas» — ou um apelo por uma boa causa — têm sido lançadas por razões completamente merecedoras e seculares: Bill Clinton, antigo presidente dos Estados Unidos, partilhou um apelo amplamente divulgado para uma cruzada de 2005 e 2006, que tinha como objetivo reverter a epidemia de obesidade; cruzadas a favor do jogo limpo no desporto ou para acabar com as filas de espera nos hospitais também nos são familiares. No entanto, em alguns contextos a metáfora pode ser transportada para demasiado perto da realidade e os políticos já aprenderam a usar a palavra com cautela. No início de 2007, durante os seus últimos meses como primeiro-ministro, Tony Blair foi questionado no programa «Today», da BBC Radio 4, e perguntaram-lhe se se via como «um cruzado» a favor da reforma social. Com habilidade e determinação, Blair não caiu na esparrela e limitou-se a afirmar que a sua preocupação era melhorar a justiça social; dada a questão da sua própria espiritualidade e do envolvimento controverso da Inglaterra no Iraque, era

vital que ele conseguisse afastar-se do rótulo de «cruzado», qualquer que fosse o contexto.

A mais próxima — e mais desconfortável — sobreposição entre metáforas de cruzadas e a realidade ocorreu em setembro de 2001, quando o presidente George W. Bush falou sobre os esforços contínuos dedicados à procura de cúmplices dos responsáveis pelos terríveis ataques de 11 de setembro: «Esta cruzada (...) esta guerra contra o terrorismo vai persistir durante algum tempo.» Ao ouvir os comentários dele vieram-me duas coisas à cabeça: primeiro, uma sensação de ansiedade face às prováveis repercussões que se iriam sentir como consequência do uso da palavra «cruzada» por um presidente americano; segundo, comecei a perguntar a mim mesmo porque é que ele escolheu usar aquela palavra. Que imagem é que ele estava a tentar projetar? No fim de contas, tirando a captura de Jerusalém durante a Primeira Cruzada, em 1099, a grande maioria das cruzadas, pelo menos as direcionadas para a Terra Santa, tinha fracassado — muitas vezes de forma vergonhosa. Portanto, porque é que, mais de novecentos anos após a sua conceção, uma ideia da Europa do século XI se fez ressoar com tanta força pelo mundo moderno? Tentar encontrar as respostas para estas perguntas foi uma motivação para começar este livro.

Eu escrevi um artigo curto para o jornal *The Independent* que explicava a perceção do mundo islâmico que estava ligada às cruzadas medievais — cristãos a invadir terras muçulmanas e a matar os seus habitantes — com envolvimento do Ocidente moderno em lugares como o Egipto, a Palestina e o Iraque, onde esta atividade contemporânea era vista como um prolongamento das cruzadas do passado.³ Perceber se essa ligação direta é realmente exata passou a ser quase irrelevante — esta é aceite como um truísmo, não obstante apoiar-se sobre um rasto fascinante de provas provenientes de fontes europeias e também sustentado, e gerado, pelo próprio mundo islâmico. Historiadores como Sivan e Hillenbrand analisaram este tópico com muita astúcia e a minha dívida para com os seus esforços é evidente mais abaixo, ainda que a ênfase no negligenciado legado do folclore e uma breve consideração de textos de indivíduos como o presidente Nasser e o presidente Carter sejam caminhos traçados por mim.⁴

Reunir este legado extraordinariamente diversificado das cruzadas no Ocidente cristão e, em seguida, seguir o fluxo e refluxo da jihad no mundo islâmico transporta-nos de volta à guerra de palavras e ações entre o presidente Bush e Osama Bin Laden, um intercâmbio da era moderna mas que retém raízes muito profundas e distorcidas.

As Primeiras Fases do Conflito Cristão-Muçulmano

É CONVENIENTE CONSIDERAR O APELO DO PAPA URBANO II A FAVOR da Primeira Cruzada, em novembro de 1095, como sendo o incidente que iniciou o conflito que se faz sentir até aos dias de hoje. No entanto, isso não é de todo correto visto que as duas fés já se encontravam em lados opostos há séculos e, ainda que seja fácil olhar para a cruzada e para a jihad como sendo lados opostos da mesma moeda, o crescimento dos partidos discordantes da guerra santa já era uma realidade muito antes do discurso de Urbano em Clermont.

Como iremos verificar mais à frente, os pensadores cristãos usavam teorias romanas sobre a «guerra justa» como uma base para o seu próprio conceito de guerra santa, uma conceção que mais tarde seria aprofundada para formular as cruzadas. Ainda assim, o Cristianismo não era o único sistema de crenças com convicções sobre guerras santas e no início do século VII surge uma nova fé guiada por uma versão distinta do conflito religioso: o Islão. Os ensinamentos do profeta Maomé espalharam-se a uma velocidade estonteante e poucos anos após a sua morte, em 632, os seus seguidores já tinham tomado posse da Península Arábica e de Jerusalém. Desde a sua conceção, esta nova religião cultivou o dever da guerra santa nos seus seguidores e também fundiu (pelo menos em teoria) a autoridade religiosa e política do califado, e os sucessores de Maomé como chefes espirituais do Islão. Em 711, as forças muçulmanas já tinham varrido o Norte de África e seguiam em direção ao estreito de Gibraltar para alcançar a Espanha cristã. Só vinte e um anos mais tarde, após uma derrota em Tours, no Centro de França, é que o seu progresso foi interrompido e as forças muçulmanas regressaram ao Sul para consolidar o seu domínio sobre a Península Ibérica. Para o público moderno, imaginar o Centro e o Sul de França sob o domínio islâmico é um enorme «abre-olhos», ainda que, de um ponto de vista militar, aparentasse ser uma tarefa demasiado grande para os invasores. Uma das razões que potenciaram uma expansão tão rápida por parte do Islão deve-se ao facto de que, em reconhecimento da herança partilhada das suas fés (Cristo, por exemplo, era um profeta do Islão e é uma figura proeminente no Alcorão), os «Povos do Livro», ou seja cristãos e judeus, eram tratados com tolerância e não eram obrigados a converterem-se. Portanto, desde que as pessoas subjugadas, conhecidas por *dhimmi*, pagassem os impostos devidos podiam continuar a praticar a sua religião e isto, por outro lado, gerava menos ressentimentos, mais assimilação e, muitas vezes, levava a uma eventual conversão.

Em 832, os muçulmanos tomaram posse da Sicília, que pertencia aos cristãos ortodoxos do Império Bizantino, e em 846 invadiram Roma; no entanto, de forma geral, os séculos IX e X podem ser descritos como períodos de consolidação e não de expansão. Nos anos que precederam as cruzadas, os turcos seljúcidas surgiram como a maior potência do mundo islâmico. Estes turcos nómadas da Ásia Central acolheram e energizaram o Islão sunita no final do século X. Em 1071, durante a Batalha de Manzikert, aniquilaram o Império Bizantino e continuaram a sua expansão pela Ásia Menor até que Constantinopla estivesse ao seu alcance. Esta ameaça motivou apelos de ajuda ao Ocidente católico e acabou por ser uma das forças desencadeadoras da Primeira Cruzada.⁵

A Europa que gerou a Primeira Cruzada era caracterizada por uma violência endémica e, numa contradição óbvia, uma profunda crença religiosa. Depois do colapso do Império Carolíngio no século IX, a região foi assolada por uma falta de autoridade central. Condes, castelões e cavaleiros competiam entre si por poder local ou regional e, numa paisagem desgastada por inúmeras colheitas fracassadas, cavaleiros armados saqueavam bairros, roubavam gado e propriedades e chegavam a atacar igrejas e mosteiros. Por exemplo, com o poder monárquico em França, mais bem descrito como sendo vestigial (na prática, o rei não detinha qualquer autoridade trinta quilómetros além de Paris), a área vulnerável à desordem social e a avanços pessoais era imensa. A grande maioria desta sociedade localizada e fragmentada vivia no campo. Os centros urbanos eram pequenos e pouco desenvolvidos (Paris e Londres teriam aproximadamente 30.000 habitantes) e, ainda que as redes fluviais oferecessem alguma ajuda aos comerciantes, viagens de longa distância eram difíceis visto que as estradas eram apertadas e muitas vezes intransitáveis durante o inverno. A religião foi a ideia solitária que unificou esta sociedade fragmentada e, na segunda metade do século XI, um grupo dinâmico de clérigos apoderou-se da Igreja Católica e começou a potenciar uma agenda de renovação cristã. Anteriormente, o papado havia sido uma instituição dividida e introspectiva, mas a energia dos reformadores potenciou um aumento significativo da autoridade papal. Pela primeira vez em séculos, o sucessor de São Pedro começou a moldar o comportamento religioso e político do Ocidente católico; é de notar que entre as suas preocupações estavam as classes cavaleirescas manchadas pelo pecado.

Em termos práticos, a Igreja Católica, ao contrário do mundo islâmico, precisava de aliados para conseguir proteger e aumentar a sua posição, uma vez que a Igreja e o Estado eram entidades distintas. Enquanto os poderes seculares conduziam a guerra europeia, a linguagem e o simbolismo da guerra

santa já se haviam tornado evidentes nos confrontos com os vikings pagãos, por exemplo, ou no apoio papal recebido por Guilherme, o *Conquistador*, durante a sua tomada da Inglaterra em 1066. Mas estas ainda não foram cruzadas: isto é, guerras santas autorizadas pelo papa que atravessavam ou iam para lá dos domínios da Cristandade. Não obstante, a Igreja começou a tentar mobilizar as classes nobres e criou uma série de iniciativas como a Paz de Deus e as Tréguas de Deus para reduzir os ataques às secções mais vulneráveis da sociedade. O papado começou a trabalhar mais de perto com poderes leigos e, em 1053, o papa Leão IX premiou guerreiros que o ajudaram a defender as suas terras em Itália com recompensas espirituais restritas. Na mesma altura, os territórios na periferia da Europa cristã tornaram-se mais agressivos e imaginativos e começaram a desbravar as fronteiras com o Islão. Na década de 1060, os normandos do Sul de Itália atacaram a Sicília (com apoio papal); em 1074 o papa Gregório VII tentou (sem sucesso) organizar um exército para enfrentar os muçulmanos do Mediterrâneo Oriental e, em 1089, o papa Urbano II premiou com recompensas espirituais os cavaleiros que lutaram contra os muçulmanos espanhóis em Tarragona. Esta cooperação crescente entre o papado e os poderes seculares era um pré-requisito fundamental para as cruzadas. Ainda que a Primeira Cruzada não tenha marcado o começo do conflito entre cristãos e muçulmanos, a instigação papal à guerra em tal escala era novidade, e a atribuição de recompensas espirituais aos seus participantes representava um novo avanço. A cruzada foi forjada num cadinho com violência cavalheiresca, expansão territorial, poder papal crescente e necessidade de salvação. A guerra cristã contra o Islão tinha encontrado um novo fundamento intelectual e teológico e isto, combinado com um apelo popular sem precedentes, acentuou o conflito de uma forma incalculável e proporcionou uma forma de pensar que duraria séculos.

1

«DEUS VULT!»: A PRIMEIRA CRUZADA E A CAPTURA DE JERUSALÉM, 1095 – 1099



«“CHEGOU UM RELATÓRIO PREOCUPANTE DAS TERRAS QUE ENVOLVEM Jerusalém (...) que uma raça absolutamente alienada a Deus (...) invadiu a terra dos cristãos (...). As igrejas de Deus foram demolidas ou escravizadas a seguir os rituais deles (...) Eles cortaram os ventres daqueles que escolheram atormentar (...) enquanto eles permaneciam no chão com as suas entranhas expostas, eram arrastados e açotados antes de serem mortos (...). Como é que posso descrever a abominável violação das mulheres? A quem é que cabe a tarefa de vingar estas ações senão a vocês (...). Sigam a estrada para o Santo Sepulcro, recuperem a terra e governem-na vocês mesmos, porque naquela terra, como dizem as escrituras, *mana leite e mel* (...). Sigam esta estrada pela remissão dos vossos pecados, convictos na glória imorredoura do reino dos céus.” Quando o papa Urbano proferiu estas palavras (...) todos gritaram em uníssono: “Deus vult! Deus vult!”, “É a vontade de Deus! É a vontade de Deus!”»⁶

Nesta linguagem vívida — e largamente exagerada —, tal como o reportado por Roberto de Reims, o papa Urbano II instigou a Primeira Cruzada em Clermont, no Centro de França, em novembro de 1095. Quatro anos mais tarde, tendo sobrevivido a uma jornada repleta de obstáculos assombrosos, os autoproclamados «Cavaleiros de Cristo» chegaram a Jerusalém. A 15 de julho de 1099, os cruzados invadiram os muros e chacinaram os seus defensores para reivindicarem a cidade de Cristo ao Islão.

O Papa Urbano II e o Apelo à Cruzada

TENDO EM CONTA QUE, NOVECENTOS ANOS MAIS TARDE, UM descendente afastado da criação do papa Urbano continua a assombrar as relações entre muçulmanos e cristãos em todo o mundo, parece irônico que as cruzadas tenham surgido maioritariamente para remediar problemas dentro da Europa Ocidental. Como líder da Igreja Católica, Urbano tinha a responsabilidade de assegurar o bem-estar espiritual de todos os membros da Cristandade latina. No entanto, a Europa estava a ser atormentada por vários demónios: a violência e a anarquia eram abundantes e o imperador Henrique IV da Alemanha, o mais poderoso líder secular, foi, por vezes, um excomungado, expulso da Igreja por ter desafiado a autoridade papal.⁷ Na mente de Urbano, a principal causa de tanto caos era uma diminuição de fé; cabia-lhe restaurar a paz e a estabilidade. Para que isso fosse conseguido era necessário que a preocupação espiritual fosse combinada com cálculos políticos astutos; para o público moderno, é possível que o segundo destes elementos não se enquadre tão bem com um homem na sua posição, mas para Urbano os dois eram indivisíveis; como papa, ele fez tudo o necessário para propagar a obra de Deus.

Foi genial por parte de Urbano ter conseguido conceber um plano que oferecia benefícios ao papa e a todo o seu rebanho. Talvez ele tenha chegado a esta realização em parte por causa do seu histórico familiar: ele era proveniente do condado de Champanhe, no Norte de França, e era um homem de sangue nobre. A combinação entre uma linhagem notória e uma carreira de sucesso na Igreja ajudaram-no a entender os desejos e medos das classes cavaleirescas e isto, em parte, explica porque é que as cruzadas satisfaziam as aspirações de tanta gente. Ele ligou vários ingredientes familiares à sociedade medieval, tais como a peregrinação e a ideia de uma guerra santa contra os inimigos de Deus, a uma promessa de salvação sem precedentes, uma combinação que quase garantidamente iria entusiasmar os guerreiros da Europa Ocidental.

De uma forma geral, para persuadir as pessoas — em qualquer era — a deixarem as suas casas e entes queridos e a aventurarem-se pelo desconhecido é necessário convencê-las de que a causa vale o esforço. Tal como muitos conflitos modernos revelam, a propaganda consegue ter um papel vital na edificação da guerra. O discurso do papa Urbano II em Clermont fez uso de imagens altamente inflamatórias, a fim de provocar a revolta moral da audiência. Os muçulmanos foram retratados através de uma linguagem que

enfatuava as suas «diferenças» e as barbaridades cometidas contra cristãos inocentes. A realidade é que, ainda que seja verdade que os peregrinos eram ocasionalmente maltratados, também é verdade que há já várias décadas não existiam perseguições sistemáticas a cristãos levadas a cabo pelos muçulmanos da Terra Santa. Ainda assim, a eloquência impetuosa de Urbano exigia uma resposta por parte dos cavaleiros de França. Ele apelou à retaliação, um conceito que era como uma segunda natureza para os cavaleiros acostumados a corrigir as injustiças através do uso da força, apoiados pelo peso do direito moral. Através de referências de autoridades da Igreja como Santo Agostinho, Urbano e o seu círculo de conselheiros estabeleceram um cenário onde a violência podia, em algumas circunstâncias, ser vista como um ato moralmente positivo.⁸ Isto requeria uma causa justa — geralmente como reação à agressão de outra parte, neste caso as alegadas atrocidades cometidas pelos muçulmanos. Era preciso ter uma autoridade adequada para proclamar a guerra; e também a intenção certa — ou seja, propósitos puros num conflito em que a força é proporcional mas não excessiva. A estes princípios de «guerra justa», as cruzadas acrescentavam um comprometimento através de um voto e uma associação às peregrinações. Portanto, tendo sido julgada como sendo uma coisa positiva, a cruzada passou a ser um ato de penitência merecedor de uma recompensa espiritual. Tentativas anteriores para restringir a violência que assolava a Europa do século XI incluíram o movimento Paz de Deus, em que, durante um período específico, a Igreja proibiu os conflitos sob pena de penalidades eclesiásticas. No entanto, em Clermont, Urbano incitou os cavaleiros de França a pararem com as suas guerras privadas e a iniciarem uma batalha digna do seu estatuto nobre; lutar em nome de Deus era servir ao lado do Senhor supremo, e conquistar o perdão pelas suas vidas perversas era um prémio imensuravelmente maior do que qualquer oferta de riquezas terrenas.⁹

Os guerreiros do Ocidente tinham, sem sombra de dúvida, cometido muitos atos que desagradavam ao Senhor e ali Urbano ofereceu-lhes uma oportunidade de evitarem um futuro terrível. Quase todas as igrejas tinham uma escultura ou pintura a fresco do Inferno: demónios selvagens arrancavam olhos de pecadores aos gritos; outros eram esfolados ou torturados com lanças e forquilhas; humanos empalados eram incinerados para todo o sempre.¹⁰ A mensagem da Igreja era assustadoramente simples: era impossível evitar as consequências do pecado; portanto, um cavaleiro precisava de uma escapatória para evitar os tormentos de Satanás. As mesmas pinturas a fresco também ilustravam o Céu — um lugar de paz, tranquilidade e segurança eternas. Participar em peregrinações e fazer doações a casas monásticas podia ajudar a evitar o Inferno, mas Urbano arranjou uma forma brilhante que

um contemporâneo descreveu como «uma nova forma de conseguir atingir a salvação».¹¹ O papa determinou — acertadamente — que a cruzada seria uma experiência suficientemente árdua para merecer a remissão de todas as penitências; efetivamente, funcionava como um novo começo e todos os crimes cruéis e violentos do guerreiro medieval — ou de qualquer outra pessoa que tivesse participado em tais crimes — seriam absolvidos. Para as classes cavaleirescas, a melhor parte era que podiam continuar a lutar — só que agora os seus esforços estavam direcionados aos inimigos de Deus e não aos seus companheiros cristãos. Portanto, a causa pela qual lutavam significava que agora a Igreja abençoava as suas atividades em vez de as condenar.

Aqueles com vontade de participar nas cruzadas tinham de fazer uma declaração pública da sua dedicação sob a forma de um voto e eram marcados com o símbolo da cruz. Frequentemente, no meio de cenários imensamente emocionais, recrutas entusiásticos, desesperados para carregar o símbolo que representava o sacrifício de Cristo e a própria imitação do seu sofrimento, avançavam e exigiam que uma cruz de pano lhes fosse presa ao ombro. Os pregadores adotavam as palavras de Cristo: «Se vier algum homem depois de mim, que renuncie a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e me siga.» Se um cruzado abandonasse os seus votos, então ele merecia o opróbrio; Urbano «decretou que (...) ele devia ser tratado como um exilado para sempre, a menos que caísse em si e se comprometesse completar qualquer que fosse a obrigação que tinha deixado por fazer».¹² Como um aparte, a cruzada também tinha conseguido, pelo menos temporariamente, atrair quantidades enormes de pessoas para baixo da alçada do poder da Igreja. Novamente, podemos ver como Urbano conseguiu encontrar uma forma de elevar a posição do papado enquanto oferecia algo atrativo para os outros.

A chamada para libertar o Santo Sepulcro e os cristãos do Oriente foi moldada de forma familiar, nomeadamente através de uma peregrinação. Esta era uma característica fundamental da vida medieval; o conceito de nos dirigirmos a um santo em busca de ajuda era uma vivência diária e as pessoas procuravam a assistência destas entidades divinas na saúde, colheitas, fertilidade, proteção e perdão de pecados. A presença de um santo era manifestada sob a forma de relíquias, partes do seu corpo ou objetos associados à sua vida, pois as pessoas acreditavam que estes conservavam o seu poder divino e ofereciam um caminho para ajuda celestial. Muitas vezes, a veneração de relíquias requeria uma jornada e alguns santos começaram a ser associados a causas específicas: São Leonardo de Noblac, por exemplo, era o santo padroeiro dos prisioneiros. As pessoas em cativeiro rezavam-lhe e, quando a sua encarceração terminava, peregrinavam até Noblac (no Centro de França)

para colocarem as suas correntes no altar da igreja como sinal de gratidão. Ainda que muitas peregrinações não passassem de meras procissões ou visitas a igrejas locais, jornadas longas rumo a catedrais importantes, como a de Santiago Maior em Santiago de Compostela, no Noroeste de Espanha, eram muito populares durante o século XI. A Terra Santa era o derradeiro porto das peregrinações — o lugar onde Cristo tinha vivido e morrido. Como Ele tinha subido aos céus e não havia corpo para venerar, as pessoas focavam-se em locais tocados pela Sua presença e morte, em particular o Santo Sepulcro em Jerusalém, onde tinha sido sepultado. A Terra Santa e, principalmente, este lugar específico acima mencionado tornaram-se o principal objetivo da Primeira Cruzada. Para os cruzados, esta jornada era meritória da maior recompensa — a remissão de todos os pecados. Isto era uma parte integral do coração e da mente do homem medieval e o conceito de reconquistar as terras de Cristo em nome da Cristandade estava no núcleo do apelo de Urbano.

Ainda que o papado tenha anunciado razões espirituais como a principal justificação para a cruzada, é evidente que outros fatores mundanos também estavam em jogo. Na sua descrição do discurso de Urbano (escrita c.1106–07), Roberto de Reims apontou isto mesmo quando afirmou que o papa tinha falado de uma terra de leite e mel — um panorama extremamente atrativo para pessoas afetadas por colheitas medíocres e que procuram uma alternativa à sua vida de escravidão nas vilas. Ainda que o desejo de libertar a cidade de Cristo tivesse de ser soberano — senão Deus não favoreceria a expedição —, era necessário que alguns cruzados ficassem no Levante para assegurar o território; reconquistar Jerusalém não valeria de muito se depois todos voltassem para casa. A Primeira Cruzada, uma guerra de libertação cristã, também foi, em parte, uma guerra de colonização cristã. Oferecia uma nova vida àquelas que decidiam arriscar. No entanto, como depois se verificou, o número de pessoas que decidiram ficar no Oriente foi relativamente pequeno. Se a promessa de grandes saques e riquezas ajudou a atrair pessoas rumo a esta aventura, quando o momento chegou a aquisição de riqueza provou ser bem mais difícil do que aparentava.

Não obstante o desejo de Urbano de restaurar o bem-estar espiritual da Europa Ocidental, foi um gatilho externo que o levou a lançar a cruzada. Em março de 1095 chegaram enviados do imperador Aleixo I de Constantinopla a apelar por ajuda contra os muçulmanos da Ásia Menor. Aleixo comandava o Império Bizantino, sucessor do Império Romano, e até anos recentes tinha controlado territórios que se expandiam desde a Ásia Menor até Antioquia, na Síria, assim como à Grécia do mundo moderno, Bulgária e Albânia. Em 1095, Aleixo tinha perdido grande parte da Ásia Menor, ainda que problemas

correntes no mundo islâmico lhe oferecessem uma oportunidade de ripostar.¹³ Durante muitos anos ele tinha enviado pedidos dirigidos a cavaleiros bem armados que o ajudassem na sua causa, e existia, por esta altura, uma forte tradição onde mercenários ocidentais serviam no exército imperial. Nesse ano, no entanto, é compreensível que Aleixo não tenha conseguido antecipar que o papa Urbano ia fazer uso dessa oportunidade para fazer um apelo ao povo da Cristandade latina em tão larga escala e lançar a cruzada.¹⁴ O próprio papa Urbano tinha os seus interesses no que dizia respeito a Aleixo. Em 1054, disputas que envolviam assuntos doutrinários e, mais pertinentemente, a autoridade do papa em relação ao patriarca de Constantinopla tinham provocado a dissidência entre os católicos e a Igreja Ortodoxa, situação que continua a existir nos dias de hoje. Apesar desta separação, as duas partes permaneciam em contacto e Urbano viu a cruzada como uma oportunidade de cultivar melhores relações — ainda que, da sua perspectiva, Roma fosse o parceiro veterano, visto que os católicos eram aqueles que ofereciam ajuda aos seus irmãos ortodoxos. Na realidade, Urbano atribuiu a si próprio o papel de pai para o seu «filho», o imperador bizantino, e via Roma como a mãe de Constantinopla.

Recrutamento, Pogroms e Preparativos para a Cruzada

URBANO E O SEU CÍRCULO PONDERAVAM SOBRE QUAL SERIA A melhor forma de transmitir o apelo à cruzada. Numa era que precedia as comunicações em massa, era vital conseguir alcançar o maior impacto visual possível. Isto queria dizer que era necessário orquestrar várias cerimónias públicas: o Concílio de Clermont foi publicitado cuidadosamente, com convites enviados a homens da Igreja em França, Espanha e parte da Alemanha. Urbano escolheu Clermont como localização central e o encontro atraiu treze arcebispos, oito bispos e cardeais e mais de noventa abades. Durante pelo menos uma quinzena, o papa estabeleceu um programa legislativo para a recuperação espiritual da Cristandade. No penúltimo dia ele revelou a peça central do seu plano: a cruzada. Urbano sabia que a sua presença era crucial e com essa finalidade embarcou numa grande excursão em que percorreu centenas de quilómetros para norte até Le Mans e Angers e seguiu para sul, até Bordeaux, Toulouse e Montpellier.¹⁵ Este não foi, no entanto, um passeio casualmente planeado; há cinquenta anos que nenhum papa se dirigia para lá do Norte dos Alpes. Mesmo na atual era da Internet, a presença de uma celebridade

— seja num supermercado ou numa manifestação política — atrai multidões de pessoas ansiosas por ver ou ouvir o indivíduo famoso em primeira mão. A chegada de uma figura tão importante iria certamente chamar a atenção e Urbano fez tudo o que estava ao seu alcance para explorar isso. Por exemplo, em Saint-Gilles, Le Puy, Chaise-Dieu, Limoges, Tours e Poitiers, vezes e vezes sem conta, ele aparecia no dia de celebração do santo local ou, não havendo essa hipótese, consagrava um edifício novo ou marcava presença num festival importante. Por outras palavras, ele era cuidadoso na escolha da oportunidade que lhe permitisse dirigir-se à maior multidão possível. A chegada da comitiva papal era algo esplêndido de se ver; a riqueza e a sumptuosidade do papa Urbano e da sua corte foram dominadas pelo sucessor de São Pedro, que usou um chapéu cónico branco com um diadema de ouro e pedras preciosas em redor da sua base.

Urbano não recrutou cruzados exclusivamente através das aparições presenciais. Aqueles que ouviram o discurso em Clermont propagaram o apelo até às suas casas e, ainda que o discurso de Urbano tivesse sido arrebatador, o papa não tinha noção do zelo extraordinário com que as suas palavras seriam assumidas. As notícias da expedição espalharam-se pela Europa e saturaram o Ocidente latino com o fervor da cruzada. O apelo do papa aos cavaleiros de França espalhou-se rapidamente e conseguiu alcançar também partes da Espanha e da Alemanha.

Um efeito colateral imediato, ainda que indesejado, foi uma série de ataques contra judeus.¹⁶ Os sermões provocadores de um pregador chamado Folkmar incitaram os seus ouvintes a virarem-se contra os não cristãos que viviam no seu meio. Há muitos séculos que comunidades judaicas residiam pacificamente na Europa Ocidental. Folkmar usou as palavras de Urbano sobre pessoas alienígenas e, em vez de dirigir a violência cristã para os muçulmanos, escolheu destacar a história dos judeus como assassinos de Cristo e sugeriu que, em consequência disso, eles deviam ser punidos. Uma fonte hebraica contemporânea escreveu: «A princesa, os nobres e o povo de França tomaram conselho e definiram planos para se elevarem como águias e batalharem a fim de abrir caminho para jornadas até Jerusalém, a cidade sagrada, para alcançarem o sepulcro do crucificado, um cadáver pisado que não pode beneficiar e que não pode salvar porque não tem valor. Eles disseram uns aos outros: “Contemplem, viajamos para uma terra distante para batalhar contra os reis dessa terra. Levamos as nossas almas nas mãos para conseguir matar e subjugar todos esses reinos que não acreditam no crucificado. Maior ainda é o nosso dever de matar e subjugar os judeus que O mataram e crucificaram.”»¹⁷ De importância considerável era a riqueza dos

judeus — muitos deviam-lhes dinheiro (assegurado pelo pecado da usura, a cobrança de juros) e os cruzados precisavam de grandes quantias monetárias para partirem. Apesar de usufruírem da proteção nominal dos bispos locais, no final da primavera de 1096, os alojamentos judeus em Colónia, Espira, Mogúncia e Worms foram sitiados e invadidos. O exército do conde Emich foi um dos principais culpados. Emich foi descrito como sendo um homem malévolos: «O nosso principal perseguidor. Ele não se mostrou misericordioso para com idosos, jovens, donzelas, bebés ou recém-nascidos, nem mesmo para com os enfermos. Ele fez com que o povo do Senhor fosse visto como nada mais do que pó para pisar. Os rapazes jovens foram vítimas da espada e as suas mulheres grávidas esventradas.»¹⁸ O cronista cristão Alberto de Aquisgrão deu a entender que tinham tentado converter os judeus — muitas vezes à força.¹⁹ Esta mensagem ecoa nos relatos de fontes hebraicas sobre a atitude dos cruzados: «Permitam que nos vingemos deles primeiro. Deixem-nos eliminá-los como nação; o nome de Israel não voltará a ser mencionado. Ou então deixem-nos ser como nós e reconhecer a criança que nasce da menstruação.»²⁰ No entanto, à exceção destes episódios na Renânia, os ataques não eram comuns; esta não era uma perseguição europeia ou sistemática contra os judeus. As autoridades eclesiásticas tentaram atenuar a situação; a Bíblia proibia o assassinato de judeus. A necessidade de prevenir uma insurreição civil foi outra das razões que contribuíram para acabar com estes eventos; o pagamento de subornos a bispos por parte de judeus também ajudou e a ordem foi devidamente restaurada.

Os cruzados da Renânia partiram rumo ao Oriente logo no início da primavera de 1096, liderados pelo carismático monge Pedro, *o Eremita*, numa travessia muitas vezes designada como a Cruzada dos Mendigos. Ao contrário do que se pensava, este exército não era composto apenas por camponeses, já que historiadores demonstraram que o grupo incluía alguns nobres e, por esse motivo, a travessia passou a ser conhecida como a Cruzada Popular. Estes aventureiros chegaram a Constantinopla em agosto de 1096 e os seus níveis sinistros de disciplina deixaram Aleixo horrorizado. O imperador implementou medidas severas a fim de preservar a sua cidade, ao mesmo tempo que o medo e a antipatia gerados pelo grupo contribuíram largamente para as tensões subsequentes entre os cruzados e os gregos. Aleixo persuadiu os renanos a atravessarem o Bósforo até à Ásia Menor e depois abandonou-os, oferecendo pouco apoio em termos de orientações e mantimentos. Passadas poucas semanas, os cruzados encontraram os exércitos de Kilij Arslan, sultão turco seljúcida da Ásia Menor. Em outubro de 1096, as forças de Arslan dizimaram a

grande maioria dos cristãos, porém, Pedro, *o Eremita*, conseguiu escapar. Tal como observado por Alberto de Aquisgrão, esta foi apenas uma forma de castigar os cruzados pelos maus-tratos aos judeus. Este não foi de todo um começo auspicioso da Primeira Cruzada.²¹

Enquanto estes eventos decorriam no Oriente, os exércitos principais iniciavam os preparativos finais. A primeira colheita frutuosa em anos foi interpretada como uma aprovação divina e, por toda a Europa, as pessoas angariavam dinheiro para a sua grande aventura. Muitos indivíduos deixaram vestígios dos seus preparativos em cartas — documentos que detalham a venda ou hipoteca das suas terras e a aquisição de dinheiro e mantimentos. Nos séculos subsequentes, este tipo de documentos tornar-se-ia quase insípido e estereotipado, uma forma eficiente de registar os detalhes práticos de uma transação. No entanto, naquela época, esse tipo de conformidade burocrática era alegremente mal elaborada e, habitualmente, as cartas continham histórias longas e detalhadas que explicavam porque é que um indivíduo tinha escolhido uma ação em particular. Estes documentos possibilitam a compreensão da mente da nobreza da época, especialmente porque estas cartas foram feitas antes da sua partida para a expedição e não estão corrompidas pelo conhecimento do seu sucesso subsequente.²² Um documento do castelhano Niveló de Fréteval relata: «Sempre que o impulso de ferocidade guerreira despertava em mim, eu reunia um grupo de homens montados e uma multidão de seguidores à minha volta. Descia até à aldeia e, de livre e espontânea vontade, dava as mercadorias dos homens da igreja de Saint-Père, em Chartres, aos meus cavaleiros para que eles pudessem comer. Por isso, agora, para tentar assegurar o perdão divino pelos meus crimes, dirijo-me como peregrino a Jerusalém, que permanece escravizada com os seus filhos.»²³ Através de relatos como este conseguimos ver a violência e o caos que tanto preocupavam o papa Urbano; neste caso particular, uma igreja tinha sido alvo da depredação cavaleiresca. Ainda assim, no apelo à cruzada, Niveló viu uma oportunidade de se redimir e fazer uso dos seus pecados como peregrino guerreiro na luta pela libertação de Jerusalém. A fusão entre a peregrinação e a guerra santa está cuidadosamente representada numa carta provençal respeitante a Guy e Geoffrey de Signes, que levaram a cruz «por um lado, pela graça da peregrinação, e por outro, sob a proteção de Deus, para eliminar a profanação dos pagãos e a loucura desmedida envergada para oprimir, aprisionar e matar inúmeros cristãos com uma fúria bárbara».²⁴

Quem Foram os Primeiros Cruzados?

NO OUTONO DE 1096, OS PRINCIPAIS EXÉRCITOS DE CRUZADOS embarcaram na viagem de quase 5000 quilómetros desde o Norte da Europa até Jerusalém. Estima-se que cerca de 60.000 pessoas participaram na expedição. A população da Europa Ocidental devia rondar 20 milhões, pelo que a maior parte das pessoas claramente ficou em casa; no entanto, se os laços de família, amizade e comércio forem contemplados, a cruzada tocou a vida de milhões. Fulquério de Chartres escreveu: «Quem é que alguma vez tinha ouvido falar de tal mistura de idiomas num só exército, sendo que havia franceses, flamengos, frísios, gauleses, alóbrogos [saboianos], lotaríngios, alamanos [Sul da Alemanha e Suíça], bávaros, normandos, ingleses, escoceses, aquitanos, italianos, dinamarqueses, apulianos, ibéricos e bretões?»²⁵ Ainda que episódios recentes como a conquista normanda de Inglaterra, em 1066, ajudassem a perceber que recursos eram necessários para uma campanha militar em grande escala, a cruzada estava num patamar superior. Estima-se que a expedição tenha custado quatro vezes o rendimento anual de um cavaleiro, portanto, empréstimos, ofertas e hipotecas eram indispensáveis.²⁶ As famílias contribuía com o que podiam e era comum terem de apoiar mais do que um familiar porque irmãos, pais e filhos partiam juntos. Ofertas de cavalos e mulas eram particularmente bem-vindas, assim como oferecimentos de pedras preciosas, ouro e utensílios de prata. A moeda da época tinha tão pouco valor que andar com a quantia necessária para a jornada não era de todo exequível, senão o exército dos cruzados teria sido obrigado a carregar inúmeros carrinhos cheios de dinheiro. Apesar de se saber que existiam pelo menos sete moedas em circulação só no contingente provençal (moedas de Mulla, Chartres, Le Mans, Melgueil, Le Puy, Valence e Poitou), a melhor solução era viajar com objetos preciosos para trocar com agentes de câmbio ao longo da rota.²⁷ Mesmo assim, a proposta de salvação de Urbano teve um impacto imenso na população — quem é que não queria ser absolvido por todos os seus pecados? Por isso, homens e mulheres, jovens e velhos, pobres e enfermos juntaram-se à expedição como peregrinos. Muitos não estavam aptos para a dureza da jornada, e no decorrer da cruzada a maioria destas massas anónimas acabou por sucumbir à doença, à fome, ou então desertou.

Havia dois grupos em particular que não estavam representados na cruzada. Um conjunto de pessoas que queriam participar foi banido,

nomeadamente os monges. Os seus votos exigiam que ficassem no mosteiro; tinham o dever de lutar contra o Diabo através da oração e não com a espada, tal como Urbano descreveu: «Nós não queremos que aqueles que abandonaram o mundo e assumiram um juramento de guerra espiritual façam uso de armas ou partam nesta jornada; não permitimos que eles venham.»²⁸ O facto de Urbano ter tido necessidade de emitir cartas a apresentar estas justificações de forma tão explícita evidencia o quanto os monges estavam recetivos à ideia. Os reis foram, provavelmente, as ausências mais notáveis entre os primeiros cruzados. Os monarcas podiam ter tido um impacto evidente no foco de comando e recursos, mas nenhum se envolveu. Isto foi, em grande parte, uma questão de circunstância, ainda que a sua ausência tenha sido vantajosa para Urbano porque significava que o papado detinha a posição dominante na campanha. O rei Guilherme II de Inglaterra estava em perpétuo conflito com os seus homens da Igreja; o imperador Henrique IV da Alemanha nunca foi um participante provável, visto que o seu exército e o papado estavam em conflito há já bastante tempo, enquanto o rei Filipe de França também tinha sido expulso da Igreja, embora por razões mais relacionadas com o pecado da carne. Ele tinha mantido uma relação com Bertranda de Monforte, que já era casada com o conde Fulque IV de Anjou (*Le Réchin* — Fulque, *o Repulsivo*, um nome adquirido devido aos seus pés horrorosamente deformados). Claramente, esta era uma situação que não podia ser consentida pela Igreja. Filipe recusou-se a terminar a relação (ele também era casado) e foi rapidamente excomungado; era impensável que os cavaleiros de Deus fossem liderados por um adúltero.

Sem a presença dos reis, coube aos membros mais velhos da nobreza assumir a liderança, e entre estes há cinco que se destacam. Godofredo de Bulhão governava o ducado da Lorena, a região que estava localizada na fronteira entre a França e a Alemanha, mas ele obedecia ao governante alemão.²⁹ Godofredo era um homem profundamente religioso que, apesar das restrições de Urbano, levou um grupo de monges consigo para que lhe pudessem dar apoio espiritual. Ele também era um soldado destemido, famoso pelos seus feitos em combate individual. Generoso, gracioso e afável, este homem alto e barbudo era o modelo do guerreiro sagrado. Balduíno, o seu irmão mais novo, iniciou uma carreira de clérigo mas colocou o seu hábito de parte e tornou-se soldado. Também era alto, com cabelo e barba castanhos e sério na forma de vestir e falar; aqueles que não o conheciam bem assumiam que era um bispo. Balduíno era casado com uma mulher inglesa, Godeilda, que o acompanhou durante a campanha. Ele era um cavaleiro e espadachim capaz, mas, tal como os eventos revelam, também tinha uma tendência para a severidade e o pragmatismo. O conde Estêvão de

Blois era um homem encantador e educado que escrevia poesia e mandava cartas à sua esposa Adela, filha de Guilherme, *o Conquistador*.³⁰ Era um indivíduo de posição elevada e que, aparentemente, foi apontado como comandante do exército a dada altura, ainda que, como vamos ver, esta não tenha sido uma função que ele executou com distinção ou dignidade. O conde Raimundo de Saint-Gilles era um nobre fluente em occitano, cujo território se expandia à volta de Toulouse, no Sul de França.³¹ Era um homem mais velho, na casa dos sessenta durante a época da cruzada, que se tinha comprometido a apoiar o apelo do papa Urbano antes do Concílio de Clermont. Raimundo chegou mesmo a vender as suas terras na Europa como sinal da sua vontade sincera de forjar uma vida nova na Terra Santa ou morrer a tentar. Era um indivíduo obstinado e piedoso, embora arrogante e autoritário; na prática, a sua falta de capacidades diplomáticas acabou por lhe custar o trono de Jerusalém. Por último temos Boemundo de Taranto, que foi, possivelmente, a figura mais controversa desta cruzada.³² Ele era um normando-siciliano que tinha sido descartado pelo pai na escolha do sucessor, conseqüentemente não era particularmente abastado mas possuía uma determinação feroz para elevar o seu estatuto. Boemundo era um guerreiro formidável, alto e louro, com olhos azuis; mantinha a barba bem aparada, ao contrário da maior parte dos seus companheiros, e era possuidor da coragem exigida de um campeão de Cristo. Como normando-siciliano era inimigo habitual dos bizantinos e tinha participado na invasão fracassada do império na década de 1080.

À medida que os cruzados iniciavam as suas jornadas no final de 1096, os cronistas documentavam as despedidas sentimentais. Fulquério de Chartres escreveu sobre o assolador tornado de emoções presentes naquele momento traumático: «Ai, havia tanta tristeza...! Tantos suspiros, tanto choro, tantas lamentações entre amigos quando o marido deixava a esposa que tanto amava, os seus filhos, as suas posses, por muito importantes que fossem o seu pai, a sua mãe, os irmãos e muitos outros parentes! E mesmo assim (...) ninguém pensava duas vezes porque saíam por amor a Deus (...) piamente convencidos de que receberiam cem vezes mais do que o prometido pelo Senhor àqueles que O amavam. Depois o marido dizia à esposa quando esperava estar de volta, assegurando-lhe que voltaria para junto dela se sobrevivesse pela graça do Senhor. Ele confiava-a ao Senhor, dava-lhe um beijo longo e, enquanto ela chorava, prometia-lhe que voltaria. Ela, no entanto, com medo de nunca mais o voltar a ver, perdia as forças e caía no chão, a chorar a perda de alguém que ia perder nesta vida terrena como se ele já estivesse morto. Ele partia (...) com uma determinação resoluta.»³³ Adiante, soldados cristãos.

As Primeiras Fases da Cruzada: de Constantinopla até à Ásia Menor

OS CONTINGENTES DE CRUZADOS PLANEAVAM REUNIR-SE EM Constantinopla. Alguns marcharam pela Itália e velejaram de Brindisi até à fronteira ocidental do Império Bizantino, na Dalmácia. Outros seguiram as antigas estradas de peregrinos que atravessam a Hungria e entraram nas terras de Aleixo pelo norte. A permanência dos cruzados em Constantinopla estava destinada a acarretar muita tensão, como vimos anteriormente, e o comportamento dos participantes da Cruzada Popular alarmou os gregos e a chegada dos exércitos principais provocou emoções contraditórias. É importante lembrar que o imperador tinha solicitado umas centenas de cavaleiros para servirem no seu exército; aquilo que recebeu foram dezenas de milhares de guerreiros consagrados que tinham a intenção de atravessar as suas terras até Jerusalém, e entre eles estavam alguns dos seus maiores inimigos. Mais significativamente, existia uma lacuna filosófica entre os gregos e os cruzados. Para os bizantinos, a Guerra Santa — seja na forma de uma cruzada ou de uma jihad — era abominável. Eles lutavam pelo império, o imperador era o líder do povo de Cristo, mas não esperavam receber qualquer tipo de recompensa espiritual pelos seus atos. Eles não confiavam nas motivações declaradas pelos cruzados e suspeitavam de que o desejo de possuir terras e dinheiro fosse a verdadeira razão para a sua presença ali.³⁴ Os cruzados sentiam que os bizantinos, como cristãos, tinham obrigação de lhes dar comida. Quando isto não aconteceu eles sentiram-se no direito de procurar mantimentos; no entanto, a linha entre procurar e saquear era ténue e fácil de ignorar. Aleixo enviou tropas suas para vigiar os cruzados. Isto, por vezes, ajudava a manter a paz, noutras gerava conflitos — o legado papal, o bispo Ademar de Le Puy, foi espancado e quase morto numa altercação na Península Balcânica.³⁵

Aleixo decidiu tirar proveito da cruzada e começou a cobrar todas as ajudas que oferecia. A sua filha Anna Comnena estava em Constantinopla quando os cruzados chegaram e, cinquenta anos depois, escreveu *Alexiad*, uma narrativa sobre a vida do seu pai. Apesar do lapso de tempo, ela descreve os métodos dele em detalhe: ele «fez uso de todos os meios que tinha à sua disposição, físicos e psicológicos, para agilizar a sua travessia [dos cruzados] pelo estreito [de Bósforo]». ³⁶ Os bizantinos eram mestres de cerimónia e tiravam proveito da sua maior vantagem — a própria cidade de Constantinopla — com grande sucesso.³⁷ Só o tamanho da cidade deixava os cruzados de queixo caído: a população de Paris nesta época rondava 30.000 e Constantinopla alojava

cerca de 350.000 habitantes. A cidade tinha a forma colossal de um triângulo — o Bósforo e o Corno de Ouro protegiam-na em dois dos lados e no terceiro estava a dupla e poderosa Muralha de Teodósio, construída no século VI como proteção contra hordas bárbaras, que formava uma parede com mais de cinco quilómetros de comprimento entre dois canais marítimos. A capital era descrita pelos bizantinos como a «Rainha das Cidades», era um lugar de riqueza e esplendor muito além daquilo que os ocidentais alguma vez tinham visto. Tinha centenas de igrejas repletas de relíquias de beleza e valor inimagináveis e, no coração da cidade, a magnífica Catedral de Santa Sofia (Santa Sabedoria), maior do que qualquer edifício no Ocidente, coberta de mosaicos absolutamente belíssimos e com as paredes interiores revestidas a mármore de várias cores. Os gregos ofereceram-se para fazer visitas guiadas a nobres e a homens da Igreja, dirigiam-se a locais sagrados e depois entretiam-nos nos vastos e opulentos palácios imperiais. O próprio Aleixo interpretou o poder de líder todo-poderoso em pleno. Godofredo de Bulhão e os seus homens foram recebidos pelo imperador, que estava «como era seu costume, sentado no trono da sua soberania com um ar poderoso, não se levantando para oferecer beijos [de boas-vindas] ao duque ou a qualquer outra pessoa».³⁸ Era completamente claro qual das forças era superior.

Aleixo insistia que os nobres mais velhos deviam devolver quaisquer terras que já tinham pertencido aos gregos. Na verdade, isso implicava devolver a extensão da Ásia Menor e da Antioquia. A última tinha permanecido sob controlo bizantino até 1085 e era uma das sedes patriarcais da Igreja cristã. Para os gregos, Constantinopla era a casa da Cristandade e muito mais importante do que Jerusalém. O facto de os cruzados pretenderem reaver a cidade não lhes interessava assim tanto. O imperador também exigia uma espécie de vassalagem; os cruzados deveriam jurar manter a paz e a amizade mútua — por outras palavras, deveriam comportar-se — e em retorno receberiam apoio e conselhos imperiais, ainda que Aleixo não fosse marcar presença na jornada até Jerusalém. Alguns nobres mostraram-se relutantes em fazer juramentos a um líder não católico; uns evitaram a situação atravessando o Bósforo imediatamente e outros, como Raimundo de Saint-Gilles, tentaram resistir ou negociar o nível de fidelidade necessário. No entanto, a maioria aquiesceu. Aqueles que cederam graciosamente foram beneficiados: Godofredo de Bulhão recebeu uma quantidade considerável de ouro e prata, assim como sedas roxas e bons cavalos; até o antigo inimigo dos gregos, Boemundo de Taranto, foi persuadido a conformar-se e depois de fazer o seu juramento foi recompensado com os conteúdos de uma sala tão cheia de riquezas que quase não se conseguia entrar.³⁹

Chegada a metade de 1097, os exércitos da Primeira Cruzada estavam prontos para entrar por terras muçulmanas. Por mera coincidência — e não existem absolutamente quaisquer provas de que isto tenha sido planejado —, os cruzados escolheram entrar no mundo islâmico numa altura em que se encontrava particularmente fragilizado.⁴⁰ Naquela época, e isso mantém-se até hoje, existia uma divisão entre sunitas e xiitas. Este último grupo controlava a Ásia Menor, a Síria e as terras da Pérsia a leste; o seu líder espiritual era o califa de Bagdade. A dinastia fatímida era xiita e governava o Egito a partir do Cairo, a base do seu califado. O rancor entre sunitas e xiitas era tão forte que eles estavam preparados para combaterem uns contra os outros e aliarem-se aos cruzados ao invés de se juntarem e formarem uma frente unida contra os cristãos invasores. Esta situação tinha-se agravado após um período catastrófico de revolta em meados de 1090, quando califas e vizires de ambos os lados morriam com uma regularidade alarmante — muitas vezes em circunstâncias duvidosas. Em 1094, o muçulmano Ibn Taghribirdi, que mais tarde se tornou escritor, referiu: «Este ano é chamado o ano da morte de califas e comandantes.»⁴¹ Na Ásia Menor, a morte do sultão seljúcida Malik Shah veio criar um vácuo de poder que significava que os cruzados não iriam encontrar uma grande potência internacional, apenas pequenos domínios que estavam mais preocupados em lutar entre si do que em confrontar os cristãos. A liderança do Islão não ofereceu grande ajuda. O califa de Bagdade não se mostrou muito interessado nos eventos que ocorriam na periferia ocidental das suas terras e ignorou inúmeros apelos de ajuda. Dada a natureza sem precedentes desta invasão cristã, não é surpreendente, claro, que a maioria dos muçulmanos não se tenha apercebido de que isto se tratava de uma guerra de colonização religiosa. Eles interpretaram a situação como sendo outra incursão de Bizâncio em vez de uma guerra pela conquista e colonização, e este mal-entendido também ajuda a explicar a falta de resistência combinada exercida sobre os cruzados. Em retrospectiva, tendo noção de quão insignificante teria sido o número de sobreviventes se se tivessem deparado com um líder formidável como Malik Shah, é muito pouco provável que os cruzados tivessem sequer conseguido atravessar a Ásia Menor.

A cidade de Niceia (atual Iznik), cerca de 193 quilómetros dentro da Ásia Menor, foi a primeira comunidade a ser atacada pelos cruzados. Em junho de 1097, os seus aliados gregos juntaram-se a eles e os muçulmanos foram obrigados a render-se. Esta marcou a única cooperação real entre os dois grupos cristãos. Mais tarde, nesse mesmo mês, veio o primeiro grande teste à força dos cruzados. Aparentemente, ainda que os gregos os tivessem alertado sobre as táticas dos muçulmanos, muito pouco poderia ter preparado os cruzados

para a intensidade dos violentos ataques. Os exércitos seljúcidas baseiam-se na cavalaria, em que a maioria dos cavaleiros usava uma armadura leve e eram arqueiros altamente hábeis. Eles galopavam até uma distância de 50/60 metros dos cruzados, lançavam uma chuva de flechas e retiravam-se. Fulquério de Chartres, uma testemunha, escreveu: «Os turcos uivavam como lobos e, furiosamente, largavam uma nuvem de flechas. Nós ficámos atónitos (...) para nós, este tipo de táticas de guerra era desconhecido.»⁴² À medida que o exército de cruzados abria caminho pela Ásia Menor, Boemundo e os seus homens tornaram-se o centro das atenções. Após um dia exaustivo de rixas ao longo do seu percurso, ele viu-se forçado a enviar súplicas urgentes de ajuda a Godofredo e Raimundo. O autor anónimo de *Gesta Francorum*, testemunha destes eventos, elogiou os homens de Boemundo pela coragem demonstrada na resistência à ferocidade dos ataques seljúcidas. Ele também fez questão de salientar a importância das mulheres neste exército: «Nesse dia, elas foram uma grande ajuda porque trouxeram água para os homens beberem e encorajaram galantemente aqueles que lutavam e as defendiam.»⁴³ Godofredo e Raimundo chegaram prontamente na manhã seguinte e, após uma luta épica de seis horas (conhecida como a Batalha de Dorileia), a força combinada dos cruzados saiu vitoriosa. Tal como descrito em *Gesta Francorum*, «se Deus não tivesse estado connosco nesta batalha, e enviado o outro exército rapidamente, nenhum de nós teria escapado».⁴⁴

A jornada pela Ásia Menor testou a resolução física e mental dos cruzados; a maioria dos bons cavalos de guerra morreu e os grandes guerreiros da época viram-se obrigados a seguir montados em bois, enquanto as cabras, ovelhas e até mesmo cães levavam as bagagens. No final do verão de 1097, o exército de cruzados começou a dividir-se. Balduíno de Bolonha seguiu para leste em direção a Edessa (a moderna Sanliurfa), uma região fértil nas margens do rio Eufrates, no Sudeste da Turquia atual. Edessa era uma localidade importante na história da Igreja primitiva porque foi a primeira cidade a adotar formalmente a Cristandade e acolhia as sepulturas dos apóstolos Tomé e Tadeu.⁴⁵ Na época da Primeira Cruzada era governada por arménios cristãos que acolheram o apoio dos ocidentais contra os muçulmanos que cercavam as suas terras. No início, as relações entre os dois partidos eram boas: o governante local, Teodoro, adotou Balduíno e o seu filho através de um ritual estranho, em que os dois homens se despiram da cintura para baixo e permaneceram abraçados enquanto uma grande camisola branca era colocada sobre ambos. Na verdade, Teodoro não detinha grande popularidade entre a população e, pouco tempo depois, foi despedaçado por uma multidão; isto deixou o assento do poder livre para Balduíno. Não obstante o passado cristão de Edessa,

este foi um ato descarado de aquisição territorial por parte de Balduíno, que estava muito desconetado das preocupações espirituais presentes no cerne do discurso de Urbano.

O Cerco de Antioquia: o Maior Teste dos Cruzados

A MAIORIA DO EXÉRCITO CONSEGUIU PROSSEGUIR A MUITO custo, impelidos pela chamada de Jerusalém. Em outubro de 1097 chegaram a Antioquia, no Norte da Síria (atualmente designada como Antáquia e localizada apenas na Turquia). Foi aqui que as principais batalhas da cruzada aconteceram; a fé e a coragem dos guerreiros consagrados foram testadas como nunca haviam sido. Demorariam quase 10 meses a conseguir quebrar a defesa da resistência, um período de sofrimento e dificuldades impressionantes sentidas dos dois lados, mas que se mostrou fundamental para o sucesso dos cruzados. Atravessada pelo rio Orontes, a Antioquia moderna é uma cidade indescritível que cobre uma fração da área que ocupava no seu apogeu clássico tardio; ainda assim, restos estilizados da cidadela medieval ainda coroam o espinhaço vertiginoso de quase 500 metros que paira sobre o local. Paredes e torres permanecem agarradas às laterais íngremes desta grande rocha mas, na planície abaixo, o extraordinário anel de paredes duplas que outrora havia confrontado os cruzados encontra-se agora praticamente desfeito. O tamanho da cidade e o seu nível de fortificação faziam com que fosse impossível garantir um bloqueio eficiente, e de qualquer modo os defensores estavam bem preparados. À medida que o implacável inverno sírio começou a aproximar-se foram os francos (tal como eram genericamente conhecidos, tanto no mundo cristão, como no islâmico) que começaram a ter dificuldades. Ocasionalmente chegavam mantimentos ao porto de Saint-Simeon, cortesia dos gregos, mas a presença de um exército de tamanha envergadura começou por fim a dissipar a comida local. Os cruzados viram-se forçados a percorrer distâncias cada vez mais longas e perigosas em busca de comida e o preço das comodidades básicas disparou. Apenas mil cavalos sobreviveram e o frio e a chuva fizeram com que as tendas começassem a apodrecer. A peste invadiu o campo e milhares de cruzados morreram ou desertaram; uma corrente constante de pessoas abandonou a expedição — talvez aqueles cuja motivação era baseada predominantemente na aquisição de bens materiais acreditassem que já não havia esperança e que era melhor desistir. Fora da Antioquia, os cruzados construíam as suas próprias fortificações e assaltavam a cidade

esporadicamente, mas parecia que a iniciativa tinha atingido um impasse. O cerco arrastou-se até à primavera de 1098 com desistências, bombardeamentos, ataques e contra-ataques. Contudo, em junho, os cruzados conseguiram um avanço. Como vimos anteriormente, Boemundo era um homem sem terras e a oportunidade de esculpir um principado a partir de uma cidade tão esplêndida era demasiado boa para recusar. Sem que os colegas soubessem, Boemundo tinha contactado um arménio renegado dentro de Antioquia que estava preparado para trair a cidade em prol dos cruzados. No auge da necessidade de progressos, Boemundo fez uma proposta aos restantes líderes: se ele conseguisse que os cristãos entrassem na cidade, eles teriam de o deixar ficar com ela. Os outros líderes recusaram inicialmente — defendiam que todos se tinham esforçado diante das paredes e que todos deveriam partilhar o espólio. A notícia da chegada iminente de um grande exército muçulmano vindo de Mossul ajudou a focar os nobres; todavia, os colegas de Boemundo concordaram sob a condição de que, se Aleixo os viesse ajudar, a cidade seria dada a ele tal como tinha sido prometido.⁴⁶

A 3 de junho de 1098, mesmo antes do amanhecer, uma corda foi lançada de uma das torres da parede sul da cidade. Antes de os primeiros raios de sol atingirem a cidadela, os cruzados subiram em escadotes e iniciaram a tomada de posse das paredes; pouco depois, um portão foi aberto e os guerreiros consagrados entraram em massa. Enquanto massacravam os habitantes e saqueavam tudo o que conseguiam, a maioria dos defensores retirou-se para a segurança da cidadela. Por outras palavras, os cruzados só tinham conseguido quebrar o escudo exterior de Antioquia. Passados uns dias, o exército de Mossul chegou e os ocidentais viram-se entalados entre os muçulmanos que estavam dentro da cidade e os que estavam fora — aqueles que tinham iniciado o cerco encontravam-se agora cercados. O moral cristão desabou e os cruzados passaram por terríveis privações. A comida era escassa. O *Gesta Francorum* registou: «Estes blasfemos inimigos de Deus mantiveram-nos tão fortemente cercados que muitos morreram de fome (...). A fome era tão avassaladora que alguns homens ferviam e comiam folhas de figueiras, vinhas, cardos e todo o tipo de árvores. Outros guisavam a pele seca de cavalos, camelos, burros, bois e búfalos que tinham decidido comer. Estes e muitos outros problemas e ansiedades (...) nós sofremos em nome de Cristo e para libertar o caminho até ao Santo Sepulcro.»⁴⁷ O número de desertores aumentou e Estêvão de Blois fez parte desse grupo. Estes indivíduos ficaram conhecidos como os «dançarinos de corda de Antioquia», um termo depreciativo que ridicularizava a sua cobardia. No entanto, as ações de Estêvão tiveram consequências adicionais quando, durante a sua retirada pela Ásia Menor,

encontrou Aleixo, que tardiamente vinha dar assistência aos seus aliados. Sem surpresa, ao saber que os francos estavam condenados, Aleixo voltou para trás; não valia a pena seguir caminho até Antioquia se os cruzados já tivessem sido derrotados aquando da sua chegada. É claro que os eventos não ocorreram da forma esperada e, independentemente da boa-fé aparente de Aleixo, a sua decisão de retirada deu razões a Boemundo para afirmar que os bizantinos tinham renegado a sua promessa de ajuda militar e que, por conseguinte, ele estava livre do seu compromisso de lhes devolver as terras que antigamente pertenciam aos gregos.⁴⁸

No final de junho, a Primeira Cruzada estava à beira do colapso. Parecia que só um milagre poderia salvar a expedição e, na acentuada atmosfera de desespero de uma guerra santa falhada, foi exatamente isso o que aconteceu. Pedro Bartolomeu, um peregrino pertencente ao contingente do conde Raimundo, afirmou ter tido uma visão em que Santo André lhe apareceu e disse onde podia encontrar a Lança do Destino, que tinha perfurado o tórax de Cristo durante a crucificação.⁴⁹ Sendo um objeto tão fortemente ligado aos últimos dias de Cristo da Terra, era uma relíquia de importância incalculável. Um grupo de treze homens juntou-se na Igreja de São Pedro em Antioquia e passou o dia inteiro a cavar freneticamente no local especificado. Chegado o início da noite, a esperança começava a esmorecer, mas, ainda assim, os homens continuaram a dar tudo debaixo da luz crepitante das tochas até que, finalmente, uma pá bateu em madeira: estava ali! Um milagre! O cronista Raimundo de Aguilera testemunhou a descoberta e estava tão para lá de si de contente que beijou a ponta da lança mesmo antes de esta ter sido removida do solo. A notícia cruzou o campo cristão, energizando e inspirando as tropas comuns de uma forma nunca antes vista. Deus tinha-os encorajado a persistir e eles enfrentaram os seus oponentes com um vigor rejuvenescido. No entanto, alguns dos líderes permaneceram céticos. Eles testemunharam o prestígio conferido aos homens do conde Raimundo por terem descoberto a relíquia e questionavam se tudo não passava de um plano para elevar a sua posição. Contudo, nesta fase do campeonato, não era prudente expressar este tipo de preocupações demasiado alto, maioritariamente porque o moral estava demasiado fortalecido. Ademar de Le Puy proclamou um jejum de três dias, ordenou a retirada das mulheres do campo e baniu o jogo e o uso de palavrões numa tentativa de purificar ainda mais o estado de espírito dos cruzados enquanto estes se preparavam para a batalha.

A 28 de junho, em seis contingentes, os cristãos alinharam fora da cidade para um confronto de vida ou de morte. Os padres colocaram as suas melhores vestimentas e rezaram a Deus para que os livrasse do mal: «Por isso

fechámos as nossas fileiras e, protegidos pelo sinal da cruz, marchámos pela batalha adentro.»⁵⁰ Por esta altura, após dois anos de campanha, os cavaleiros que restavam eram uma força firme e endurecida pela batalha; uma analogia vaga do mundo moderno pode ser um circuito ou competição em que uma equipa desportiva internacional contrata jogadores de clubes diferentes. No decorrer da competição, os jogadores aprendem a trabalhar eficazmente com os seus novos colegas e, chegando ao final da competição, pelo menos em teoria, deverão atingir um pico. Os cruzados conseguiram atingir uma coesão que não se via com frequência em tropas que eram reunidas para campanhas específicas; isto foi muito antes da existência de exércitos permanentes que podiam praticar táticas diariamente. Os muçulmanos começaram com o seu bombardeio habitual de dardos e flechas, mas os cruzados mantiveram uma disciplina exemplar. Foi neste confronto que muitos homens identificaram mais provas de apoio divino. «Vinda das montanhas, apareceu também uma hoste interminável de homens montados em cavalos brancos com bandeiras todas brancas. Quando os nossos homens viram isto não compreenderam o que se estava a passar, ou quem poderiam ser aqueles homens, até que perceberam que se tratava de auxílio enviado por Cristo, e que os líderes eram São Jorge, São Maurício e São Demétrio (isto é mesmo verdade, visto que muitos dos nossos homens os viram).»⁵¹ Dada a confusão da batalha, o desespero das tropas e o nível extraordinário de fervor religioso — combinados com a falta de comida e água —, eventos tão aparentemente implausíveis formaram parte integral da experiência das cruzadas e tiveram um papel fundamental na inspiração de vitória. Os cristãos executaram uma série de manobras militares complexas e correram com os muçulmanos do campo.⁵²

Pouco depois, os defensores da cidadela perceberam que tudo estava perdido; renderam-se e Antioquia estava novamente em mãos cristãs. Depois do seu triunfo, os cruzados estavam exaustos e acomodaram-se para descansar. Como muitas vezes acontecia, a doença alastrou facilmente entre os combatentes malnutridos e enfraquecidos pela batalha. Morreram milhares de homens e mulheres, quase certamente vítimas de febre tifoide. Uma das baixas mais notórias foi Ademar Le Puy.⁵³ A sua firmeza e dotes diplomáticos em muito contribuíram para impedir que a tensão entre os nobres leigos se tornasse insustentável, mas com a sua morte a influência papal na campanha diminuiu e as rixas entre os líderes militares seniores intensificaram-se.

A descoberta da Lança do Destino teve um final interessante. Tal como anteriormente mencionado, existiam suspeitas de que a «descoberta» de Pedro Bartolomeu não tinha passado de uma manipulação com o intuito de elevar a autoridade das forças provençais de Raimundo. Pedro, em resposta

ao ceticismo de rivais e plenamente convencido de que era um agente divino, sugeriu que o sujeitassem a uma tribulação: uma prova de fogo. Na época da Primeira Cruzada esta prática estava a cair em desuso, porque as pessoas duvidavam cada vez mais da sua veracidade. A intensidade do fogo, por exemplo, podia ser manipulada por qualquer pessoa sem escrúpulos que quisesse determinar o resultado; de um ponto de vista espiritual, passou a ser considerado insultuoso exigir um milagre de um Deus tão perentório.⁵⁴ Pedro escolheu um dos métodos mais rigorosos desta tribulação alguma vez registados. Após quatro dias de jejum e preparações espirituais, estava pronto para o teste. Diante de uma grande audiência, Pedro carregou a relíquia e desceu uma brecha estreita entre duas paredes de um metro de altura e quatro de largura, cobertas com ramos de oliveira a arder. Raimundo de Aguilera também testemunhou este acontecimento e relatou que Pedro emergiu ileso e gritou «Deus ajuda-nos!». Nesse momento foi empurrado para o chão por uma multidão extasiada, determinada em conseguir um pedaço de roupa de uma alma tão santificada. Raimundo afirma que, durante o frenesim, Pedro partiu a coluna vertebral e isso causou a sua morte. Outros permaneciam na dúvida. Fulquério de Chartres escreveu que a pele do clérigo estava chamuscada e que ele estava tão gravemente ferido que morreu devido às queimaduras — um julgamento divino pelo seu comportamento fraudulento. O culto da Lança do Destino esmoreceu mas, seja qual for a verdade por trás desta descoberta, cumpriu o seu papel.⁵⁵

No final de 1098 os cruzados sobreviventes começaram a dirigir-se para sul. Em novembro sitiaram a cidade de Maarate Anumane. Mais uma vez, no pico do inverno, não era fácil encontrar mantimentos, como Fulquério de Chartres reportou: «Os nossos homens foram vítimas de uma fome extrema. Fico arrepiado ao dizer que muitos dos nossos homens, atormentados pela loucura da inanição, cortaram pedaços das nádegas dos sarracenos mortos ali no chão. Eles cozinhavam e comiam esses pedaços, devorando a carne selvaticamente sem que estivesse bem cozinhada.» Um ato tal que, compreensivelmente, enojou gerações, ainda que o entendimento de que isto foi feito como uma forma de enfatizar o ódio que os cruzados nutriam pelos muçulmanos deva ser desassociado das realidades simples e cruéis da guerra. (Por exemplo, em tempos mais recentes, a prática de canibalismo tem sido bem documentada entre os primeiros colonos da Tasmânia do século XIX e durante a revolução russa como consequência das condições horrendas. No inverno de 1921, no distrito de Volga, as pessoas recusavam-se a enterrar os seus entes queridos e insistiam em mantê-los para os comer; grupos de canibais e comerciantes começaram a caçar crianças para serem comidas, pais matavam bebês para

alimentar os outros filhos e até mesmo médicos comiam os restos mortais dos seus pacientes.⁵⁶⁾

Foi por volta desta altura que as tensões entre os recrutas e a liderança vieram à superfície. Os líderes, impelidos pelo desejo de alcançar o Santo Sepulcro, cumprir os seus votos e voltar para casa, exigiam continuar o trajeto. Os nobres, no entanto, estavam mais preocupados com as suas disputas internas sobre quem deveria liderar a campanha e quem conseguiria manter as conquistas passadas e futuras. No fim, o poder do povo triunfou e a pressão dos peregrinos obrigou o exército a seguir caminho; contudo, Boemundo ficou para trás para consolidar o seu domínio sobre Antioquia. Ele resistiu com firmeza às exigências de Aleixo para ceder o controlo da cidade aos gregos, mas isso não estava nos planos do imperador, que pretendia restabelecer a influência bizantina no Norte da Síria e gerou uma animosidade que iria deixar marcas na relação entre os gregos e os colonos latinos durante décadas.

A Captura de Jerusalém – Triunfo e Atrocidade

ENQUANTO ISSO, OS EXÉRCITOS PRINCIPAIS DA CRUZADA SEGUIRAM para sul tão rápido que deixaram cidades por conquistar pelo caminho. Finalmente, a 7 de junho de 1099, alcançaram o destino da sua jornada de três anos, Jerusalém, o lugar assinalado como o centro do mundo na maioria dos mapas medievais e a cidade mais importante do mundo cristão. Muitos não conseguiram conter as lágrimas. Tancredo, sobrinho de Boemundo, avistou a cidade do topo do monte das Oliveiras e caiu de joelhos dizendo que daria a sua vida de bom grado em troca da oportunidade de beijar o Santo Sepulcro.⁵⁷

Por esta altura, o número de cruzados tinha sido reduzido a aproximadamente 1300 cavaleiros e 12.500 soldados de infantaria. Os cruzados tiveram de enfrentar oponentes desconhecidos porque, em agosto de 1098, os egípcios fatímidas tinham tomado posse da cidade que pertencia aos seus rivais sunitas. O forte batalhão que incluía 400 guerreiros de elite estava bem preparado: os cristãos orientais que viviam em Jerusalém foram expulsos para evitar possíveis traições, os poços locais foram envenenados e as cisternas da cidade enchidas até ao topo. As paredes que atualmente cercam Jerusalém remontam maioritariamente ao período otomano, mas as suas fundações, direção e escala são compatíveis com os padrões do século XI. As paredes formam uma circunferência com um perímetro de 40 quilómetros e são complementadas por um fosso a norte, as defesas naturais do vale de Josafá a leste

e o vale do Cédron a sul. Os cruzados montaram um cerco disperso à volta da cidade, mas concentraram as suas tropas em duas localizações específicas. Raimundo de Saint-Gilles foi para sudeste enquanto os homens de Godofredo e Tancredo que restavam foram para o distrito noroeste. Os primeiros ataques falharam; o muro (uma parede dupla a norte) era demasiado alto e os cruzados não tinham madeira para construir escadotes. Tancredo conseguiu resolver o problema. Aparentemente, quando estava aflito com uma diarreia terrível e foi procurar um lugar remoto para se aliviar, encontrou uma gruta cheia de vigas de madeira — uma verdadeira intervenção divina. A chegada de mais madeira, ferramentas e pregos de um barco de mantimentos genovês veio agilizar o processo. Os cruzados passaram as semanas seguintes a construir duas torres de cerco impressionantes, várias catapultas e um aríete. Mas no pico do verão o abastecimento de água continuava a ser um problema; alguns viam-se forçados a percorrer quase 10 quilómetros para encontrar água e mesmo assim diz-se que estava cheia de sanguessugas. Enquanto isso, os homens trabalhavam arduamente. As duas enormes torres eram o orgulho do campo, cada uma com cerca de 15 metros de altura e construídas sobre uma plataforma com rodas, que permitia que fossem movidas até às muralhas da cidade. Ramos e peles de animais serviam como uma camada de proteção para os homens que se encontravam dentro das torres. O poderoso aríete foi outra arma essencial, uma enorme viga deitada com uma cabeça de metal concebida para quebrar as paredes mais baixas. Aqueles que se encontravam na cidade prepararam as suas defesas, montando catapultas e cobrindo secções das fortificações com um revestimento semelhante ao de colchões, por forma a tentar que o impacto da artilharia dos cruzados fosse absorvido.

À medida que o confronto se aproximava do clímax, o nível de antipatia entre cristãos e muçulmanos intensificou-se. Um espião egípcio foi capturado e catapultado para junto dos seus compatriotas religiosos; os defensores ripostaram cuspiendo e urinando em cima de cruces. Os cruzados decidiram fortalecer também as suas defesas espirituais. Um homem teve uma visão onde o falecido legado papal, Ademar de Le Puy, aconselhou os guerreiros consagrados a realizarem uma procissão penitencial até ao monte das Oliveiras, o local onde Cristo subiu aos céus. A liderança, com medo de ignorar a diretiva de uma figura tão respeitada, seguiu as instruções dadas. Descalços e munidos de cruces e relíquias, os membros do clero lideraram uma serpente de cruzados pelo vale de Josafá abaixo e depois subiram até ao lugar sagrado enquanto rezavam, cantavam e invocavam o auxílio do Senhor.⁵⁸

Nessa altura, com a comida e a água cada vez mais escassas e o prospecto iminente de reforços egípcios, a devoção religiosa foi tingida por uma

necessidade crescente de conseguir um desfecho rápido. A sudoeste, a torre de Raimundo exercia pressão e mantinha grande número de defensores ocupados. Por outro lado, a torre de cerco a noroeste da cidade não parecia estar a conseguir grande coisa. A resistência muçulmana era forte e os defensores tinham-se reunido prudentemente nos locais onde os cruzados constituíam uma maior ameaça. No entanto, na noite de 13 de julho, Godofredo demonstrou o seu génio militar; ele tinha reparado numa área da parede que estava mais fraca, menos defendida e que oferecia uma oportunidade mais vantajosa à torre de cerco. O duque ordenou que a sua torre fosse completamente desmontada e depois, sob a proteção da escuridão, transportada quase dois quilómetros para leste, onde seria montada novamente.

Com um bocadinho de investigação é possível conciliar as descrições de testemunhas com a topografia atual e identificar uma extensão curta de fortificações (60 metros) entre a segunda torre a leste do Portão de Herodes e a saliência maior para lá do mesmo. Hoje, do lado de lá do Museu Rockefeller, é possível estar de pé no fosso por entre o mato de arbustos espinhosos e olhar para as paredes lá em cima. Mesmo com a agitação do tráfego moderno a passar ali tão perto, fazer uma pausa à sombra diante destas fortificações, e imaginar o conflito brutal e desesperado que ocorreu ali mesmo a 14 e 15 de julho de 1099, é uma experiência profundamente iluminadora.

A decisão de Godofredo de alterar a direção do ataque foi inspirada e constituiu um grande feito. Quando o Sol nasceu, os cruzados, desesperados para tirar partido da sua vantagem, lançaram o seu ataque. Começaram por trazer o enorme aríete para atingir a parede exterior e criar uma brecha para a torre. Uma testemunha descreveu a intensidade da luta à sua volta: «O barulho infernal da batalha deflagrou; vindas de todos os lados (...) pedras voavam pelo ar e as flechas caíam como chuva. Mas os servos de Deus, seguros da sua fé, independentemente da possibilidade de perderem a vida ou de exercerem vingança imediata sobre os pagãos, aguentaram pacientemente (...). Os defensores caíram em cima dos cristãos com pedras, flechas, madeira e palha a arder, e atiraram maços de madeira envoltos em resina a arder, cera, enxofre, estopa e trapos para cima da maquinaria. Os feitos conseguidos na batalha, que durou um dia inteiro, foram tão extraordinários que duvidamos que exista registo histórico de feitos superiores.»⁵⁹ Depois de horas a lutar, a força física dos cruzados conseguiu impulsionar o monstro de ponta metálica para atravessar a cantaria e criar a primeira fenda. Quando o dia chegou ao fim eles encontravam-se então posicionados para o ataque final; a batalha por Jerusalém teve lugar num ponto fulcral, tal como foi escrito por um contemporâneo: «Com a chegada da noite, o medo instaurou-se nos dois campos (...)

um estado de alerta, de labor e uma ansiedade infindável marcavam presença nos dois campos, e, do nosso lado a esperança confiante, do deles o desânimo agonizante.»⁶⁰

Quando amanheceu, a luta continuou. Godofredo liderou a batalha a partir do interior da grande torre de cerco e o pesado aparelho atravessou tempestades mortais de pedras e chamas até uns metros do muro. Um homem que se encontrava ao lado do duque foi decapitado por uma pedra, mas Godofredo permaneceu destemido durante a batalha. A torre estava cerca de dois metros acima das defesas e esta diferença mostrou-se crucial porque os homens no piso superior conseguiam atingir os defensores. Os muçulmanos chegaram mesmo a fazer uso de uma forma de fogo grego — uma substância proveniente de nafta que não se extinguiu com água. Felizmente, os cruzados já tinham sido alertados por cristãos locais e tinham uma enorme quantidade de vinagre à mão para suprimir as chamas. Ainda assim, a resistência teimosa dos muçulmanos estava a ter um impacto negativo no ânimo e na energia dos cristãos; muitas das suas armas de cerco já tinham sido estilhaçadas e as baixas eram muitas. Contudo, perto do meio-dia, um arqueiro do grupo dos cruzados começou a lançar flechas a arder contra os sarracenos do lado oposto ao da torre de cerco. O fogo alastrou com uma intensidade enfurecida — talvez tivesse incendiado algumas das armas inflamáveis dos muçulmanos — e os defensores tiveram de se retirar das paredes. A oportunidade dos cruzados tinha chegado: apressadamente, Godofredo ordenou que baixassem a ponte levadiça da torre de cerco e esta pousou sobre as paredes. Dois irmãos, Letoldo e Gilberto de Tournai, foram identificados como os primeiros a saltar para as muralhas. Com esta brecha conseguida, os escadotes foram encostados às paredes da muralha e os homens de Godofredo inundaram a parte norte da cidade.⁶¹ Raimundo não conseguiu grandes progressos no lado sudoeste, mas quando a notícia do avanço se espalhou a resistência muçulmana desmoronou-se rapidamente.

As tensões acumuladas dos três anos de marcha, do terrível sofrimento durante o cerco de Antioquia e da batalha feroz na periferia de Jerusalém, combinadas com o seu irredutível fervor religioso, contribuíram para a selvajaria e a matança em grande escala levada a cabo pelos cruzados. Eles tinham libertado a cidade sagrada, e agora procuravam purgá-la de todos os descrentes. «Alguns dos pagãos foram misericordiosamente decapitados, outros penetrados por flechas e empurrados de torres, e outros ainda foram torturados durante bastante tempo, queimados até à morte por chamas abrasadoras. Amontoados de cabeças, mãos e pés dispostos em casas e nas ruas e, de facto, havia todo um corrupio para lá e para cá de homens e cavaleiros

sobre os corpos.»⁶² Um grupo de muçulmanos que estava no telhado de um prédio, erroneamente identificado como o Templo de Salomão, rendeu-se apenas para ser dizimado pouco depois. Nesta orgia de destruição, mulheres e crianças não eram poupadas. Os cruzados «arrancavam os bebês do colo das suas mães ou dos berços pelas solas dos pés e atiravam-nos contra as paredes ou partiam-lhes o pescoço; eles mataram alguns com armas [outros] com pedras; eles não iam poupar absolutamente nenhum gentio independentemente do seu lugar ou género».⁶³ O horror destes eventos deixou uma marca permanente nas relações muçulmano-cristãs durante séculos.

Os cruzados também apreenderam grandes quantidades de despojos: ouro, prata, pedras preciosas e cavalos. Os homens apoderaram-se de pertences para usufruto próprio; se um cruzado entrasse e ficasse numa casa, tinha direito a ficar com ela. Alguns até esventravam os estômagos de muçulmanos quando suspeitavam que estes tinham engolido objetos valiosos com o intuito de os esconder dos cruzados. «Ninguém alguma vez havia visto ou ouvido falar de uma chacina de pagãos de tal envergadura, pois eles foram queimados em piras como pirâmides», reporta uma testemunha.⁶⁴ Ainda assim, no meio desta violência incompreensível, os pensamentos dos cruzados viraram-se para a devoção. Mais tarde, um escritor evocou esta combinação de zelo religioso e brutalidade extrema, como sendo uma combinação que não é compatível com as nossas sensibilidades:

Era impossível olhar para a imensidão de cadáveres e não ficar horrorizado; havia pedaços de corpos humanos por todo o lado. Pior ainda era olhar nos olhos dos que saíram vitoriosos, que pingavam sangue da cabeça aos pés. Depois, com roupas limpas, mãos lavadas e pés descalços, começaram humildemente a circular até aos locais de veneração que o Salvador concedeu santificar e glorificar com a Sua presença corpórea (...) aproximaram-se da Igreja da Paixão e Ressurreição do Senhor com uma adoração particular (...). Era uma fonte de felicidade espiritual poder presenciar a devoção piedosa (...) com que os peregrinos se concentravam nos locais sagrados, a exultação do coração e a felicidade de espírito com que beijavam os memoriais relacionados com a vida do Senhor na Terra.⁶⁵

Três semanas depois, na Batalha de Ascalão, os cruzados selaram o sucesso da campanha derrotando um grande exército egípcio; a Terra Santa estava em mãos cristãs. O triunfo de Jerusalém foi uma enorme conquista:

«O Senhor, com toda a certeza, renovou os seus antigos milagres» foi uma análise.⁶⁶ Os cruzados apoderaram-se dos despojos de guerra — afinal de contas, eles tinham suportado custos elevados ao longo da sua jornada, e muitos precisavam de regressar a casa. Existem poucas dúvidas de que, para aqueles que se conseguiram impulsionar até Jerusalém, as motivações religiosas foram a força motora da sua experiência: «Os filhos dos apóstolos libertaram a cidade em nome de Deus e dos pais», afirmou um contemporâneo.⁶⁷ Tanto a sua coesão militar crescente como as divisões entre o mundo muçulmano contribuíram para a vitória; contudo, aquilo que os cruzados mais desejavam era piedade. No entanto, o facto de que o papa Urbano não viveu para ver este desfecho é uma das ironias da História: ele faleceu em julho de 1099.

As ações de Godofredo durante o cerco, juntamente com a personalidade abrasiva de Raimundo, foram precursoras para a eleição que declarou o primeiro como líder desta nova terra. No entanto, Godofredo era tão piedoso que recusou a coroa, não desejava ser rei na terra do Senhor; em vez disso, aceitou um título bem mais modesto como protetor do Santo Sepulcro.⁶⁸ No outono de 1099, eram muitos os cruzados que se preparavam para regressar ao Ocidente, exaustos mas triunfantes. Estes homens regressavam como heróis, celebrados em versículos e em crónicas e festejados pelas suas conquistas: exemplos para moldar as gerações futuras.⁶⁹ Possivelmente, apenas cerca de 300 cavaleiros permaneceram em Jerusalém, o Estado cristão renascido — um número que suprime completamente a teoria anterior de que a maioria dos cruzados ia somente em busca de novas terras; pelo menos para a maioria, o seu maior desejo era regressar às suas famílias e entes queridos em segurança. No mundo islâmico, pelo menos em alguns quartéis, estes eventos geravam choque e ultraje. Ainda assim, nem o califa nem o sultão seljúcida enviaram um exército para fazer frente aos recém-chegados. Esta negligência foi um fator-chave para os francos porque lhes deu espaço para consolidar a sua conquista e estabelecer o domínio católico na Terra Santa, uma presença que persistiria durante quase duzentos anos.